

O ACADEMICO

DIRECTOR: L. Minhoto Jor.

Redactores: Raphael Ribeiro da Silva
J. I. Benevides de Rezende
Renato Soares de Toledo
P. de Oliveira Ribeiro Neto
Oscar Pedrosa d'Horta
Eduardo Pellegrini.

(ORGAM DA OPPOSIÇÃO:
- PARTIDO ACADEMICO)

COLLABORADORES EFFECTIVOS:

Antonio de Sá Filho
Manuel Thomaz Carvalho
Alceu Bellegarde
Djalma Forjaz Junior
Carlos de Oliveira Coutinho
Jayme Loureiro
Edgard Noronha
Alberto Americano

ANNO II

Redacção: RUA DIREITA, 2 - 2a. - s. 11

Faculdade de Direito de S. Paulo, 10 de Outubro de 1927

Officinas: RUA DA ASSEMBLÉA, 56-58

NUM. 4

NÃO é nosso intuito estabelecer comparações nem entre os jornaes que saem hoje em dia, nem entre os que hoje se publicam e os que antigamente saíram, porquanto as folhas de agora possuem redactores e collaboradores de reconhecido talento, como também os possuiram os jornaes outrora publicados, e si vemos entre os antigos academicos nomes muito illustres, é preciso que nos lembremos que no tempo em que eram redactores, elles eram também moços e estudantes como nós, e não tinham ainda o nome que hoje têm. Vamos unicamente dar aos leitores uma lista de todas as principaes folhas publicadas pelos academicos desde a fundação d'esta Escola até os nossos dias, lista essa que conseguimos organizar com o auxilio do Exmo. Sr. Dr. Affonso A. de Freitas, D. D. Presidente do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

No seu livro achamos referencias ao primeiro jornal de S. Paulo, "O Paulista", publicado em 1823. Era um jornalzinho manuscripto, dirigido pelo professor Antonio, Mariano de Azevedo Marques, cognominado o "Mestrinho".

Surgiu depois "O Faról Paulistano", foi o primeiro jornal impresso. Na exposição de jornaes promovida pelo Instituto Historico, via-se um desenho do primeiro prélo de S. Paulo, e no qual era impresso o Faról.

Nessa mesma machina, muito primitiva, foram feitas as primeiras folhas academicas: — "O Amigo das Lettras", em 1830, redigido por Josino do Nascimento Silva; — "O Federalista", em 1832, que si não era academico era dirigido por um estudante: — Silveira da Motta.

Appareceu então o "Novo Farol Paulistano", e no seu prélo foi impressa a "Revista da Sociedade Philomathica", cujo primeiro numero saiu em Junho de 1833. Dirigiam-na os então estudantes e depois lentes da Faculdade: — C. Carneiro de Campos, Bernardino Ribeyro e J. I. Silveira da Motta.

Cremos que da mesma machina saiu a folha "Iris" dos primeiros-annistas Pedro Taques (que desde então mostrava o seu espirito combativo), e José Vieira de Mattos.

A imprensa na Academia

Depois d'um grande marasmo na Imprensa, appareceram na Academia "Os Ensaios Litterarios" e "A Violeta" em 1848, e em 3 de Maio de 1850, fundada por Alvares de Azevedo, a "Revista Mensal do Ensaio Philosophico Paulistano". Como o fundador do jornal, de grande talento eram os redactores e collaboradores; destacamos entre elles: J. M. Corrêa de Sá e Benevides e Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

Na epocha da sua fundação foi presidente de honra o Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, director da Faculdade. Essa revista durou muito tempo. Em 1857 inda vamos encontrar-a tendo como presidente Lafayette Rodrigues Pereira e como redactores, entre outros o grande tribuno Gaspar da Silveira Martins e o não menos illustre Visconde Affonso Celso.

Dois annos depois da fundação do Ensaio, surgiram "O Acayaba" e os "Ensaios Litterarios do Atheneu Paulistano". Tanto um como outro tiveram bellas comissões de redacção.

Em 1856 vemos "A Academia", folha dirigida por Couto de Magalhães, Homem de Mello, etc...

Em 1859, José Bonifacio, Campos Salles e Quirino dos Santos, entre outros, publicaram as "Memorias da Associação Culto á Sciencia", com uma bellissima collaboração. Também em 1859 temos a "Revista da Academia de S. Paulo" dirigida por Couto de Magalhães, Lafayette etc..., o "Ensaio da Sociedade Brasilia", a "Revista Popular", de A. Joaquim Macedo Soares, e os "Ensaios do Club Scientifico".

Em 1860 o Instituto Academico Paulistano, publica o "O Kaleidoscopio". Foi esse anno felicissimo relativamente ao apparecimento de jornaes na Academia. Alem de "O Tymbrá" optimamente redigido

por Rodrigo Octavio, Limpo de Abren, Rangel Pestana, José Cesario de Faria Alvim e outros, temos a "Revista Dramatica" que trazia no cabegalho nomes como o de Pessanha Povôa, Fagundes Varella, Joaquim Nabuco, Salvador Mendonça. O primeiro numero dessa Revista trazia a seguinte epigraphe:

"A primeira feição caracteristica de um povo é o lyvismo, e entre nós acaba de exgottar-se essa fonte. Uma pleiade de poetas escreveram seus nomes nas paginas da historia litteraria, e aguardam o juizo da posteridade, como têm gozado a admiração ou os applausos dos contemporaneos; o nosso cancionêro de nação infante está escripto. A segunda phase de um povo é o theatro e a chronica; e esse é o nosso presente".

Ainda deste anno são o "Amor á Sciencia" e "A Legenda". Este ultimo jornal, magistralmente dirigido por Benedicto Ottoni e Quirino dos Santos, saiu pela primeira vez em 1.º de Junho de 1860. Todos os seus numeros traziam a seguinte legenda do Marquez de Maricá:

"Lemos no presente, soletamos no futuro." De 1860 são ainda "O Ypiranga", "O Instituto", "O Mosquito", "O Instituto Academico Paulistano", "O Lyrio" e muitos outros.

Em 1861 temos a "Revista do Recreio Instructivo, em que Fagundes Varella publicou os seus primeiros trabalhos. E' nessa folha que se encontra a poesia dedicada á mundana, então conhecidissima em S. Paulo, Ritinha Sorocabana. Foi um dos primeiros versos do poeta: "Vem".

Nesse mesmo jornal, em Setembro de 1861, Fagundes Varella publicou em prosa dois trabalhos: — "Acusmatas" e "Palavras de um louco". Esse ultimo escripto lhe valen uma critica em verso, interessantissima, e á qual o poeta respondeu em versos primorosos.

Surgiram em 1862 o "Ensaio Academico", "O Futuro" e a "Revista do Instituto Scientifico", em 1863 a "Revista do Club Academico" e o "Tributo ás Lettras", dirigido por Fagundes Varella, Fernandes de Almeida, Bento Rodrigues Freire e outros. "O Tributo ás Lettras", tinha por lemma:

"O pó, o humilde pó também levanta-se à altura das nuvens".

Apareceram em 1864 a "Academia Literaria" e a "Crença Schismatica", e Sayão Lobato, Rodrigues Alves, Affonso Penna, Pessanha Payão e Rubião Jr. publicaram a "Imprensa Academica".

Temos depois, em 66 a "Palestra Academica", "O velho Pagé", "A Revista do Club Scientifico" e "O Caubião" e em 67 uma revista mensal: — "O Arquivo Literario" que tinha como redactores e colaboradores, alguns dos quaes já formados: Dr. Manoel A. Duarte de Azevedo, Dr. J. M. Corrêa de Sá e Benevides, Dr. Carlos Galvão Bueno, Dr. Americo de Campos, Candido Leitão, José Rubino de Oliveira, Aureliano Carvalho Mourão, Salvador de Mendonça, Dr. Americo Brasiliense, Dr. Antonio Carlos, Antonio Sayão Lobato, Dr. Antonio Prado, Dr. Antonio Joaquim Ribas, Dr. Francisco I. M. Homem de Mello, Dr. Francisco Gonçalves de Andrade, Francisco M. Sá e Benevides, F. Quirino dos Santos, Conselheiro José Bonifacio, Dr. Couto de Magalhães, José Nicolau Vergueiro, José Maria Lisboa, José Ferreira Nobre, João Adolpho Ribeiro da Silva, J. Guilherme Aguiar Whitaker, Conselheiro Ramalho, Teixeira da Motta, Joaquim Nabuco, Conselheiro Martim Francisco, Dr. Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes.

1867 teve também "O Estudante", "A Vanguarda", "A Tribuna Liberal".

Em 1868, além do "O Academico" e do "Arquivo Juridico e Literario", a turma de Ruy Barbosa, Castro Alves, Pimenta Bueno e outros deu-nos "A Independencia".

De 1869 a 1875 são varios os jornaes. Senão, vejamos: "A Borboleta", o "Radical Paulistano" em 1870; o "Radical Academico" em 1869; "A Imprensa Juvenil", "Jornal do Povo", "O Garibaldi", "O Colibri", em 1871; "Tribuna Academica", "A Propaganda", "O Constitucional", a "Revista do Ensaio Literario" e "A Crença"; o "Porvir", "O Tribuna" em 1873; são de 1874: "O Rebate", "A Ordem", "O Americano"; de 1875: "O Onze de Agosto", "A Renascença". Todos elles magnificos! Todos colaborados por academicos!

Em 1876 tivemos: "A Academia de S. Paulo", "A Republica das Letras", "O Constitucional", e, redigida por Affonso Celso, Alberto Fialho, Ferreira Franca, Esequiel Freire, surgiu "A Consciencia". De 1876 também a "Tribuna Liberal" e "A Republica" um dos melhores e mais duradouros jornaes que houve na Faculdade.

Essa folha que durou onze annos teve como redactores, entre outros: Pitta de Castro, Lucio de Mendonça, Magalhães Castro, Affonso Celso Junior, Alonso Fonseca, Julio de Castilhos, Carvalho de Mendonça, Antonio Mercado, Pedro Lessa, Augusto de Lima, Aristides Maia, Julio Mesquita, Vicente de Carvalho, Eduardo

Chaves, Wenceslau Queiroz. Organ do Club Republicano Academico, publicou no 46º numero de 21 de Abril de 1881, uma poesia de Raymundo Corrêa quando estudante, offerecida a Assis Brasil.

A 11 de Agosto de 1881 Julio Mesquita mostrava o que ha ser a sua penna de combatente. Dizia elle: — "... a politica é a sciencia que tem por fim determinar os principios que conduzam o desenvolvimento do progresso dentro da ordem, e não a arte de bem ganhar a vida, como até hoje ella tem sido comprehendida pelos politicos brasileiros".

Em 17 de Maio de 1882, Pedro Lessa publicava ainda no "A Republica" um excellento artigo sobre A Instabilidade do Regimen Monarchico.

Em 1877 saíram: "O Catholico", "A Lucta", "A Reacção", e "Labarum" o optimo jornal de Eduardo Prado, e Valentin Magalhães.

Temos em 78 a "Revista da Fraternidade Literaria" e "Diário e Letras", e em 1879: "A Opinião", "A Vanguarda", "A Ideia" e a "Revista da Sociedade Phenix". Em 1879, Wenceslau Queiroz, Jesuino Cardoso de Melo e Luiz Murat publicaram também o "Ensaio Literario". Em 1880 veio a "Evolução", a "Revista de Sciencias e Letras" de Raymundo Corrêa e "O Federalista" de Pedro Lessa e outros, com colaboração de Assis Brasil. De 1881 são: o "Americano" e o "Nove de Setembro" lindamente escripto e illustrado por Raul Pompêa, Lacerda Werneck, etc... No mesmo anno saiu o "Castro Alves" homenagem dos estudantes por occasião do decimo anniversario da morte do poeta, numero unico e de luxo, escripto por varios estudantes e com a colaboração do grande Dr. Brasílio Machado. Da mesma data é o "Entreacto" e "A Comedia", jornal de fino humorismo feito por Raymundo Corrêa, Luiz Murat, Eduardo Prado, Valentin Magalhães, Fontoura Xavier, Affonso Celso, Assis Brasil, Machado de Assis. Infelizmente morreu vinte dias depois de nascer. O segundo e ultimo numero, tarjado de lucto, cheio de lagrimas, dos paes saudosos trouxe versos de Raymundo Corrêa. Versos que eram o epitapho da publicação...

Viram a luz da Academia em 1882: "Ihering", "Revista Academica", "A Lucta", "O Parnaso", "A Ordem", "A Ideia", e "O Noventa e Tres". De 1883 são: "A Onda", organ do Centro Abolicionista de S. Paulo, "A Ideia", "O Vinte e um de Abril" e "O Liberal".

Nasceram em 1885: "O Meridiano", "A Tribuna Academica", "O Futuro", "A Democracia", "O Ganganelli", a "Revista dos Navos", a "Revista Republicana" e a "Revista Academica", com a colaboração de João Monteiro, Eduardo Chaves e outros.

Temos depois a "Revista Literaria" e "O Mez" em 1887, "A Paulicea", em 1888, "A Opinião" e a "Folha Academica"

do Dr. Affonso de Carvalho, em 1889; "O Censuário", "O Prego" e "O Porvir", em 1890; a "Folha Academica" e "Minas Academica", em 1892; "A Lucta" e "O Rebate", organ de combate ao governo do Marechal Floriano, em 1893.

Em 1895 temos "O Onze de Agosto".

Em 96 apparecem "A Republica" de A. Maranhão, João Sampaio, Raphael Sampaio, Evaristo de Oliveira, Dario Ribeiro e Alcides Cruz; a "Auctoridade", organ dos Estalantes Monarchistas de S. Paulo, redigida pelo Dr. Angelo Mendes; "A Sociedade", "A Bohemia" e "A Vida de Hoje".

Um anno depois surgem o "Constitucional" e "A Evolução" de Edmur Queiroz, Antero, Bloem, Heitor Pentendo, e Baptista Cepellos entre outros.

Achamos em 1900 "O Academico", a "Revista Juridica e Social", "A Faculdade", "Imprensa Academica", e a "Arcadia Academica" de Araujo Vianna, Hilario Freire, Ramos Valadão e Monteiro Lobato.

Na "Imprensa Academica", de 11 de Agosto de 1901, achamos os versos primordios de Antero Bloem: "Christo de Marfim".

Em 1902 temos "A Epoca" e em 1903 "A Justica" e "O Verbo". Nota-se neste anno o apparecimento do "Onze de Agosto", actual revista do Centro Academico, que ha mais de 20 annos vem cumprindo o seu programma.

Em 1904 surgiram "O Esforço", "A Tribuna Literaria", e o "Fiat-Lux", cujo nome os estudantes, humoristicamente deturparam para Fito de lucro; e em 1906 além da "Revista Academica" temos a "Imprensa Academica", de Villalva Jr. Ricardo Gonçalves e outros.

Em 1907 rebenta "A Bomba", bravo e anti-clerical, dirigido por Villalva Jr.; e a "Revista Nova".

Em 1909 surgem: — "O Vinte e Dois de Maio" e a combatel-o: — "A Propaganda". Em 1910 temos "A Revista"; em 1911 o "Vinte e Dois de Junho", e "A Fanfarra", que só publicou dois numeros.

Tres annos depois apparece "A Lucta". De 1915 para cá são pouquissimos os jornaes academicos. Somente o "Floreal" o "Dyonisus" de Carlos Pinto Alves e Menezes Drummond, "A Chave" fundada em 1922 "O Lafayette", "A Verruma", jornal humoristico de Paulo Paulista, que só teve um numero, em 1925, e, fundado em Setembro do anno de 1926 "O Academico".

Organizemos assim, do melhor modo que pudemos, uma lista dos periodicos da Academia. Fazemos votos pela felicidade das nossas folhas actuaes, conchando os rapazes que gostam do jornalismo a erigirem novas folhas onde todos os estudantes mostrem o que são capazes de escrever.

Agosto, MCM XXVII
Oliveira Ribeiro Neto.



A população brasileira toda e principalmente a mocidade das escolas do Brasil vibram de jubilo este mez, á passagem do primeiro centenario commemorativo da fundação dos cursos juridicos em nossa terra.

Dissemos a população toda, porque na verdade o 11 de agosto não representa para nós a simples criação de um curso superior, destinado ao ensino desta ou daquela sciencia, que só viesse trazer proventos directos a determinadas classes, deixando para a massa bruta dos habitantes sómente os proventos remotos e indirectos. Mais do que uma conquista scientifica, representa o 11 de agosto a independencia intellectual da nossa terra.

E o grito do Ipiranga juridico.

De facto, de que nos poderia valer uma patria politica e militarmente livre, se intellectualmente continuava ella serva da metropole?

Por certo as idéas de que se imbuíram os nossos estudantes, haviam de, mais tarde, formar correntes portuguezas, perigosas para a manutenção da nossa independencia e da nossa nacionalidade.

Foi quando appareceu no scenario politico do Brasil de então, a figura immortelouira do Visconde de São Leopoldo, esse

O Centenario dos cursos juridicos

colossal José Bonifacio da independencia intellectual do Brasil.

A sua influencia benéfica desde logo se fez sentir nos debates da Camara, onde a sua voz era ouvida como o clarim da chamada, que arregaça batalhões para uma grande batalha, onde se entre com a confiança da victoria, trazida pela certeza do bem que se defende.

O genio tempestivo e arrebatado de Pedro I, — que afinal de contas era um homem como são quasi todos os arrojados, — não se tornou insensivel ao grito da alma brasileira.

E, convicto, completou com a espada o que iniciara com a espada na Camara Ipiranga.

Estava de facto proclamada a independencia do Brasil.

Era a permissão que se dava aos estudantes, de pensarem não só com idéas brasileiras, mas tambem com o seu coração de brasileiros — se é que os corações pódem pensar.

* * *

São passados cem annos.

Entre o general Rendon, primeiro Director da nossa Faculdade e o Dr. Pinto Ferraz, seu actual dirigente, move-se uma immensa cadeia de cerebros gigantescos, donde sahiram todos os grandes empreendimentos brasileiros.

Que essa cadeia não tenha chegado ao seu fim nem se tenha deturpado a pureza do metal que a compõe, é a esperanza do Brasil, naquelles que serão os seus dirigentes de amanhã.

* * *

Associando-se ás manifestações de regosijo pela passagem de tão auspiciosa data, o Partido Academico offerece á mocidade estudantina um numero do seu jornal "O Academico", dedicado á maior gloria da mentalidade brasileira hoje em memora.

— e estará cumprida uma das suas missões que a si mesmo se im-

Um pouco de futurismo

La para casa em um tremático "camarão". Estava sentado em um banco enfiado. A minha frente uma negra sentada, com um pirralho, ainda desprovido dos "tais", resmungava algumas sandices; parecia ser uma adoradora e moradora do O. Um homem gordo, rompi Xadrez, bengala, pince-nez, está irrequieto com o aroma exhalado pelo elemento "negril". Dois rapazotes, com pastas escolares, revolucionam a quietude "bondal".

Signal de parada. Salta um velho de barbicha, tipo de burocrata, "paletot" de alpaca lustroso, encostado a um guarda-chuva.

Pequena discussão por motivo de troca. Silêncio. Outra parada. Sobe um italiano, isto é, um **filho** de italiano, com um fino e longo charuto ao canto da boca.

Ouve-se a voz indecisa do motorneiro. "Moço, não pode fumar". Leve rixa. O tal homem não podia se conformar em atirar fóra tão "fugoso" charuto. Paz. Continua subindo Luiz Antonio.

Um "grillo" allemão ou polaco ou coisa equivalente, pede parada e entra. Aparece um "figurão" de 1 metro e 80, olhos tartaruga, n. 914, fumando, ostentosamente, um cigarro, sem, no entanto, ouvir o "não pode fumar".

Raiva geral.

Num instante os passageiros todos infringiam a "lei" canadense. Coisa interessante: "um camarão cheio de fumaça".

O conductor mostra-se delicado... oh! que asneira... conductor delicado e pleonasmos!... mas, deixem passar... e consegue com a diplomacia da alavanca desentopir a chaminé.

Uma dengosa creaturinha, pelo meio da Avenida, faz signal de parada ao "crustaceo". Abre-se, com estrondo, a porta da frente. Surge uma loirinha, com pretenções a "Holywood", que piza com garbo e não esconde a brancura de sua pelle na parte pouco acima do joelho. Mal havia entrado, o motorneiro desentrou a possante "limousine" e ella sentada no meu collo, depois de forte solavanco.

Vermelhinha e emocionada, virou-se para mim e disse: "queira desculpar, eu não tenho a culpa de ter incomodado o senhor." Ironicamente agradei as desculpas e estive quasi a dizer: "ora, por tão pouco; quer ter a gentileza de continuar sentada? mas, contive a phrase e ella retirou-se de minhas pernas, macias e gordas, para se sentar no duro banco.

Com a melindrosa entrara, tambem, uma matrona bem obesa, com um enorme "bouquet" de flores e atirando umas palavras pouco delicadas para uma meniua que a seguia.

O ACADEMICO

Como houvesse só um lugar, que por infelicidade era junto a mim, sentou-se a "gordurosa" mulher e, muito sem cerimonia, collocou a minha recostada em uma das minhas pernas. Para completar, com as flores acariolava e espinhava o meu rosto. Era o cumulo! Não me contive, e com requintada delicadesa de minha raiva, levantei-me atirando a pequena ao chão. Toquei a campainha e saí sem querer ouvir os termos graciosos com que a mesma sta. me agradecia.

No meio da rua, alhei onde estava. Falavam apenas uns 4 ou 5 quarteirões para minha casa. A pé, comeci a subir pensando que era muito preferivel ir a pé do que ao lado de quem estava.

Em casa, com algum augmento, narrei o acontecido, aconselhando, quando estiverem com disposiçao de se divertir e de serem egoteados, a servirem-se dos "Camarões". O conselho é extensivo.

NINGUEM.

Bairros operarios

Bem do alto d'este arranha-céo moderno
vejo os bairros operarios
na sua tristeza singular:...

... fabricas... fabricas...
Na placidez exterior dos edificios
nada se exprime dos momentos tumultuarios
dos sacrificios
que se desenrolam sob os tectos...

Na tarde suave, de garôa fina,
os contrastes da vida recomponho:
quanto destino doirado sob o sonho
da pompa aristocratica!
Palacios encantados para a gloria magestica
da volupia e do luxo...
onde os homens só pensam, egoistas, em si proprios,
derramando-se na frente as pedrarias raras
— numa dansa de agua de repuxo...

... e nos bairros do trabalho a miseria, muitas vezes,
cavando as faces e os coraçoes.
Homens lutando como leões
para viver como párias!

Fabricas...
Lá dentro, redemoinhos e tumultos,
Homens sepultos
nas officinas, e cujo labor não se proclama;
energias martyrisadas de cansaço
a cuja construcção não se dá fama.

A recta das chaminés alonga-se no espaço...
Tarde de garôa, nevocenta,
que os espiritos adelgaca...

Da janella deste arranha-céo imponente,
eu fico, tristemente,
olhando o pano cinza da fumaça
que sae das chaminés compridas
e sobe ao léo...
Parece que essas fabricas são fabricas de nuvens
para o consumo do céo...

A recta das chaminés alonga-se no espaço...
E, num recolhimento nostalgico
eu penso no poder magico
das chaminés que derramam por suas gargantas compridas
como tronco de carvalho,
os bulhões imaginarios
das illusões dos operarios,
desprendidas
na dura realidade da provação e do trabalho...

C. AYRES

mittir uma coisa destas. E você, menina, se quiser conversar com elle, convide-o para apparecer em casa, que será muito bem-vindo..."

E desandou por ali afora. Eu ouvia, apartando ás vezes, para não fazer-me de desconcertado.

Até que, chamando a filha, a mãe se retirou convidando-me ainda uma vez para chegar até á casa dellas.

Desculpei-me, dizendo que tinha um compromisso para essa noite.

"Appareça amanhã. Alí pelas 8 horas. Teremos muita satisfação."

Acendi. Que mais havia eu de fazer?

Despedimo-nos.
Que allivio!!!

* * *

No dia seguinte, 8 horas da noite, lá estava eu, cumprindo o prometido. Queria ver no que dava tudo aquillo. E depois, a pequena era linda. Valia arriscar-me.

Receberam-me na sala de visitas. Ella sentou-se ao meu lado, no sofá, a mãe á nossa frente. Contra o que eu esperava, a mãe captivou-me logo de principio. Muito amavel, muito attenciosa, demonstrou por mim as maiores sympathias.

Eu já estava achando deliciosa a minha visita, quando chegaram outras pessoas. Dois primos. E mais alguém entrava. Um tio.

"Oh! os meus parceiros, que afinal vieram!", falou a dona da casa na mais indizível satisfação. "O senhor", dirigindo-se a mim, "não aprecia tambem um joguinho de cartas?"

La dizer-lhe que preferia o xadrez, mas resolvi não faze-lo.

"Muito, muito, minha senhora", respondi com o meu melhor sorriso.

A pequena, tomando-me das mãos, explicou-me.

"E' que a mamãe gosta immenso de jogar. E' um divertimento esplendido, não acha?"

Esplendido achei aquelle **divertimento** posto ali com tamanha innocencia.

"Certamente," concordei.

"Então você tambem joga? Vamos todos lá para dentro".

E chegando os labios quasi no meu ouvido, "eu não joga", disse-me. "Gosto apenas de ver. Vou sentar-me junto de você para dar sorte."

E foi justamente o contrario. A sorte virou de tal maneira, que a mim, a mim naturalmente, o divertimento sahio bem mais caro, muito mais caro do que eu pensava.

Mas, ella lá estava ao meu lado a encorajar-me. Verdade que em taes casos o medo é preferivel á coragem.

Sihí afinal.

Apzar do dinheiro que deixára, não sahí triste.

"Infeliz no jogo..." pensava eu, consolando-me.

Como com pouco se consola o coração

humano! O meu, pelo menos, consolei-o exclusivamente com essas palavras.

* * *

Não me arrependera senão, talvez, momentaneamente, porque dois ou tres dias depois estava eu de volta.

Tudo se repetiu de igual maneira. O mesmo jogo e o mesmo fim. Mas aquellas palavras e os olhos della encimam-me de coragem. Da fatidica coragem á qual eu, hoje, prefiro o medo e mesmo a covardia.

Certo era, porém, que a mim pouco se me dava perder o dinheiro comtanto que ganhasse a pequena. E porque não? A fortuna que meu tio deixára, sobejava para taes loucuras.

Voltei outras vezes. Tornei-me assiduo frequentador da casa, onde me recebiam na maior alegria, e me tratavam com enorme consideração. Pudéra!

E sempre jogavamos. E eu perdia sempre.

* * *

Uma noite dirigia-me para lá, quando encontrei o Arthur. O meu amigo Arthur. Rapaz alto, elegante, maneiroso, e dizem que bonito. Não sei. Sei apenas que o Arthur é um grande e irresistivel conquistador.

Decidi-me a pedir-lhe conselhos. Ninguém melhor para ouvir-me e esclarecer-me.

Contei-lhe por alto o meu occasional encontro com uma linda pequena, cuja mãe, viuva e distinctissima - senhora, eu vim mais tarde a conhecer por intermedio da propria filha, pequena por quem eu estava devéras apaixonado, tanto que já lhe frequentava a casa, e com muita assiduidade.

O Arthur sorriu quando falei da **viuva e distinctissima senhora**. Não dei importancia.

Pedi-me que continuasse.

Continuando, falei no jogo de cartas.

"O typo de pequena?"

Deservevi.

"Ah!" fez o Arthur como que illuminando-se. "já sei. Mora em tal rua, assim, assim?"

"Justamente. Conhece-a?"

"Espera lá. No jogo você perde sempre, não perde?"

"E", fiz eu resignado.

"Bem."

E a mim que cahia de surpresa em surpresa, o Arthur disse a minha propria historia. O passeio. A mãe que nos apanha em flagrante. A reprehensão na filha. O convite para visita-las. O tio. Os primos. Tudo, tudo.

"E o que significa isso, afinal?" perguntei assombrado.

"Quasi nada. Apenas significa que você é a victima mais recente daquella rapariga."

"Eu, victima?" Aquelle **victima** doume. Era esse um cargo que jamais pensei em exercer na vida. Victima! Era boa! Ti-

nha eu por acaso feição de victima?

E zanguel-me.

Depois de calmo, o Arthur explicou-me ser aquelle o modo porque mãe e filha faziam as conquistas dellas. Um dos modos, aliás. E' serviam-se dos primos e do tio, que nem eram tio nem primos, para explorarem as victimas no jogo de cartas.

"Não, por favor, não me chame de victima. Basta o que você já me disse," falei acabrunhado.

Afinal, era esse o epilogo da historia.

A cobra e o sapo.

E que sapo estúpido, meu Deus!

* * *

"Agora, Arthur, onde é que você vai?"

"Vou telephonar á sua pequena, convidando-a para sahir commigo."

"Quê pequena?"

"Essa que explorou você todo esse tempo."

"O que? Como é isso?"

"E' que eu tambem já fui victima..."

"Não, não diga essa palavra, por favor."

"Bem. E' que eu tambem cahi. Exploraram-me a grande. Mas, não ha como a gente persistir, e eu soube por fim tirar o meu partido. Isto são lições que só a pratica da vida nos dá. Vivendo, aprende-se. Viva," disse-me elle despedindo-se.

R. S. de T.

CASA ALHEIA

I

A linda habitação que foi outrora
De nossa alegre mocidade cheia,
Nova ainda, parece velha agora;
Ainda bella, nos parece feia.

Hoje é casa dos outros, casa alheia...
Ha no velho casal que nella mora...
Algo que toda a moradia enfieira,
Algo de triste que na casa chora...

Nella não oico nem uma risada,
Desertos os jardins... E toda a frente
Otrora sempre aberta e illuminada,

Hoje se fecha para toda gente...
A nossa casa não está mudada,
Apenas quem a habita é diferente...

II

Tenho pena da pobre moradia:
Tão bonita e viver sempre fechada,
Fechada como um tumulo — sombria,
Num silencio de casa abandonada.

Podíamos com isso não ter nada;
Nada termos, é certo; mas, um dia...
Que saudade! ella foi nossa morada,
Otrora foi a Casa da Alegria...

Havia rosas lindas na latada...
E o teu beijo tambem era mais quente,
Na alcova azul da casa perfumada...

Ah! tudo para nós é diferente;
E o nosso coração, ó minha amada,
Parece a casa alheia, para a gente...

Achilles Almeida.

DIREITO DAS GENTES

"A utilidade de sua codificação independe da existência de um "superetat", e, de certo modo, também da efficacia dos seus princípios."

Summaric: Utilidade e Necessidade dos princípios jurídicos. Do seu ordenamento. Da distincção entre utilidade e efficacia. Resumo e Conclusão.

Dedicatória e algo sobre a dedicatória. "Ego sum vox clamantis in deserto". (Joan., 1, 23)

Aquelles que, com carinho de intellectuaes, contemplam os movimentos para a codificação do direito internacional americano, offerço esta dissertação.

Estou certo, não tenho illusões, são para alguns e talvez algum, pois a intellectualidade academica dos tempos que correm não está mais, como nos passados, affeita á estas questões. Quem isto me diz são os factos e "os factos não mentem", é asserção da sabedoria vulgar.

Na capital do paiz, emquanto os juriconsultos americanos, em congresso, expunham as lucubrações de seus talentos dirigidas para o bem universal, a mocidade, principalmente a do Rio e a de S. Paulo de costas viradas, com a intelligencia embotada, ouvidos surdos, apredrejava, corria, troteava um senador por Minas Geraes, como si não houvesse adequado objecto para as tendencias da natureza que de direito devia possuir.

As pessoas e os tempos estão muito mudados.

Antigamente, estar em desarmonia com a mocidade era muito para se temer; hoje, na verdade, também o é, mas mui diferentes são as fundamentaes razões dos temores.

Ao inicio da luta, os Ruys preparavam os seus discursos, os Castro Alves os seus poemas. Hoje para a efficacia do combate são sufficientes pedras, carvões e bons pulmões para vaiair.

Dos primeiros sabiam as afamadas campânhas jornalisticas, as famigeradas epopéas e a ordem restabelecida a seu talante; dos segundos os vidros espatifados, as paredes sujas, e as cousas... no mesmo pé que estavam.

Côsa curiosa! ambos ao terminarem estão satisfeitos e orgulhosos. Porém, bem observando, é natural, desde que encheram as medidas de suas naturezas que são mui diversas.

Por logica, que também é sem artificios, deduz-se o pouco caso que estão merecendo as questões jurídicas e o mingua-do numero de leitores que encontram na decahida geração moderna.

A intelligencia, o raciocinio, o estudo, a meditação, não podem entrar em concerto com a natureza sem peias, a animalidade sem razão e a cretinice presumptosa e sem governo.

Não terei leitor. Que se me dá si não houver leitor? Passe embora. Sou dilettante. Escrevo para me divertir.

Agora, vamos, já bastante temerosos, entrar na questão, dando de pé a esta desenvoltura de lingua que, com os seus desmandos, pôde offender o brio dos aca-

demicos e melindrar a sua irritadica dignidade.

No caso vertente, o calar é dictame da prudencia.

"Porque um direito entre tortos Parece que anda torcido"

(Gregorio de Mattos, Ao conde do Prado. Epistola).

Ainda mais: é de classico a ensinança:

"Não queiras ir muito ao fundo

Inda que ora tanto entendas,

Nesta só razão me fundo:

Não has de emendar o mundo

Por mais razões que despendas"

Sá de Miranda.

A solvencia do problema vae tomar a mão:

Eis:

"Ou peut dire que le droit est une sorte de forêt vierge, á la vegetation touffue et desordonnée, où seuls des pionniers émérites, des trappeurs exercés peuvent retrouver leur route. Sa codification ouvre dans cette forêt des avenues, où l'on peut marcher vers le but sans hesitation, sans erreurs. Elle trace á travers le droit un parc de Versailles juridique."

(Introd. a la sc. du droit p. 74. 1920 - G. May).

Embora não haja uma auctoridade que faça respeitar o Direito das Gentes, embora não exista um "superetat", este direito é sempre seguido e invocado como condição imprescindivel para a coexistencia dos Estados, para a coexistencia das soberanias.

ESTUDANTES DE OUTR'ORA E DE HOJE



ELLE: — Assim como a candura do lyrio perfuma as campinas virentes, o amor de V. Ex. perfuma as profundas de minh'alma!

AMOR



ELLA: — Ahi, bicho! Tú és peixão p'ra burro!

As soberanias no direito publico, como as capacidades no direito privado, se limitam reciprocamente e obedecem os principios, por necessidade de se accordarem nas pretensões e ordenarem as suas relações.

Até mesmo em uma quadrilha de gatu-nos, escreve **Grotius**, citando **Aristoteles**, ha mister principios para regularem a divisão do espolio das victimas; até nhl, de certa maneira, o direito tem de ser chamado, pra trazer a proporção na distribuição (**De Jure belli ac Pacis**).

Entre as nações de poderes diversos é possível também o imperio do direito. Para os poderosos existe o poder que é tutor dos seus direitos. Para os pequenos e fracos, está escripto em **Lafayette**, a necessidade do concerto das ambições, a dificuldade que pode surgir entre as grandes potencias na divisão da victima é o motivo occulto e capital do respeito dos seus direitos (**Dir. Int. 1.º vol.**)

Emfim, para gregos e troianos, é sempre util e necessario o direito; a sua invocação é necessidade de todos os dias e de todas as occasões.

Já é um principio incontestavel aquelle que diz: "todo o povo que violar os principios do Direito Internacional será fatalmente esmagado e vencido, obrigado a submeter-se a vontade dos estados membros da Família das Nações, ao principio do direito das Gentes, a moral internacional" (**B. Arrada. Pontos Dir. Int.**)

"A guerra é prejudicial até mesmo ao vencedor", quem o diz é **Novicow**.

Ora, si os principios juridicos são uteis, necessarios apesar de não systematisados, mais uteis, mais vantajosos por certo serão quando cada um occupar o seu logar proprio em um systema, quando forem ordenados segundo um plano estabelecido.

Applicar-os seria mais facil, a sua violação seria mais visivel.

Sendo os principios neste systema comprehendidos, os mesmos pelos quaes têm sido pautadas as relações das nações, os mesmos pelas nações respeitadas nas suas relações reciprocas, os mesmos uteis separadamente, "a fortiori", serão mais uteis, trarão mais vantagens, quando organisados, quando ordenados, quando codificados. Ordenar é aperfeçoar. Aperfeçoar é melhorar; melhorar o util é tornal-o mais util — augmentar a sua utilidade — tornal-o mais vantajoso.

Codificar, em lato sentido, não é senão a redacção de um systema de principios juridicos cardeaes para regularem certas relações politico-sociaes.

Codificar não é innovar, a codificação não faz creações, não tem nada de original quanto ao fundo, ella somente constata sem crear.

Os juristas competentes para taes emprehendimentos podem, é certo, e mesmo devem, seria erroneo o contestar, addicionar aos principios existentes alguns aperfeçoamentos, corrigir-lhes alguns defectos, comtanto que, é aviso de **Oppenheim**, não queiram por o Direito das Gentes em outras bases, não o transformem quanto ao fundo. (**International Law. 1.º vol.**)

A vantagem do codificar, a utilidade do codigo, é independente da existencia de um poder que o faça respeitar.

Um poder competente, um tribunal internacional, poderá augmentar, é coisa clara, a efficacia de seus preceitos, poderá fazer com que os principios codificados sejam mais respeitados, obedecidos, mas não existindo este tribunal, não havendo a coacção organizada, esse codigo será alguma vez violado, não será sem-

pre effcaz, porém não importa isto a perda de sua utilidade.

A efficacia, na verdade, é a utilidade, mas a utilidade que attinge os seus effectos; a utilidade é o poder de servir para um fim e a efficacia é o acto de servir para um fim e de o attingir. A efficacia é a perfeição da utilidade, mas não é a sua essencia. E' util o que pôde servir para um fim, é effcaz o que serve actual-mente para um fim.

Uma coisa é util quando serve para attingir um fim e uma coisa é effcaz quando attinge de facto.

Mas negar a efficacia de umCodigo é negar a efficacia dos seus principios, portanto negar a efficacia da codificação do direito das Gentes é negar este proprio direito. Ora só em theoria elle pode ser negado; a practica sempre o reconhece, já foi, de sobejo, provado logo de entrada.

Que se não objecte agora que a utilidade desaparece com a dificuldade quanto a lingua em que devem ser expressos estes principios, pois **Oppenheim** já á ella deu a resposta: "a dificuldade é grande mas não é insuperavel, porque as nações conseguem fazer tratados apesar das diversidades das linguas e estes tratados são obrigatorios e obedecidos." (**Obr. cit.**)

Será possível, de uma só vez, a codificação de todo o direito das Gentes?

Certamente que não.

"Não é com tanta sede que se vae ao pote", é regra de prudencia, sabedoria do senso commum, vindo á talho de foice para a questão.

Ha necessidade que se façam codificações parciaes, á maneira da que se iniciou este anno, na cidade do Rio de Janeiro, com a collaboração dos grandes in-

:: :: ESTUDANTES DE OUTR'ORA E DE HOJE :: ::



Dirigiam o povo

NA
P
O
L
I
T
I
C
A



Votam arrojados

ternacionalistas americanos.

Está assentado pois a utilidade da codificação e o meio adequado para a sua consecução.

Resta, para fecho e reforço do que se disse, que falle o professor da Faculdade de Direito da Universidade de Paris: **Gaston May (obr. cit.)**

As principais vantagens da codificação assim se resumem, diz elle:

1) Facilita o conhecimento e applicação segura das normas nella contidas, nas relações entre as nações, pois reúne em formulas condensadas, principios anteriormente admitidos, mas cujas expressões podem ser oscillantes, imprecisas, duvidosas.

2) Agrupando, systematisando os principios communmente adoptados, a codificação será uma base scientifica solida, sobre a qual poder-se-hão apoiar novas construções quando forem ordenadas, impostas pela necessidade de aperfeiçoamento do antigo edificio. Sobre esta vantagem diz **Oppenheim**: "quanto a objecção de que a codificação impede o progresso do Direito Internacional não é totalmente verdadeira, pois as desvantagens da não evolução das leis costumeiras podem ser corrigidas por revisões periodicas do codigo e por graduas augmentos e correções de accordo com as necessidades e desejos dos dias que vêm" (obr. cit.)

3) Acresce-mos nós: a codificação do direito das gentes, trará enfim o dominio da escola juridica do Direito Internacional sobre a diplomacia, realisando assim uma das sete lições tiradas da Historia do Direito das Gentes pelo illustre representante da escola positiva, o professor de Cambridge. **Oppenheim (obr. cit.)**

Aqui, acho de bem terminar pois já se

nos mostra categorica apodictica a affirmação inicial:

"A utilidade da codificação do direito das Gentes independe da existencia de um "superetat" e, de certo modo, tambem da efficacia dos seus principios".

E' tambem conclusão:

Codificar o direito internacional americano é fazer jornada em busca da realidade da visão que teve o filão de Amós:

"e julgará as nações, e arguirá multos povos; e das suas espadas forjarão relhas de arados, e das suas lanças foices; não levantará a espada uma nação contra outra nação, nem dahi por diante se adestrarão mais para a guerra." (Isaias, 24).

J. PINTO ANTUNES.

Bacharel em Philosophia e Lettras.
Estudante de Direito (4.º anno).

PALAVRAS DE EPICURO

Bebamos, meu amigo, porque o vinho é o melhor anesthetico da dor. Enche teu côpo, ergue-o de mansinho e ingere o conteúdo com fragor.

Si estás triste, si a falta de um carinho faz de ti um bohemio soffredor, bebe mais que a tristeza não faz ninho no coração de um ebrio:sonhador.

Si é uma saudade da mulher que adoras o motivo das lagrimas que choras, o que te faz a vida amaldiçoar,

bebe que Ella virá formosa e boas nos vapores do vinho que atordoa a tua alma tristonha consolar

EDGAR VIEIRA.

DUAS INDICISÕES

(A PROPOSITO DO CENTENARIO DE DEODORO)

A republica, no Brasil, não foi o producto de um golpe de audacia. Não foi a consequencia do amadurecimento de uma propaganda intelligente e continuada. Nem foi tão pouco, o resultado de um despeito sobrevivido da abolição não indemnizada. Foi, apenas, o fructo do connubio de duas indecisões: da indecisão sentimental de Deodoro e da manhosa indecisão de Floriano Peixoto.

* * *

Deodoro hesitou, ao receber o convite para dirigir o movimento de 15 de novembro. Deitado no sofá de seu escriptorio, arquejando, atacado da dyspnéa que quasi o impediu de chefiar o movimento que irromperia dali a dias, cercavam-no varios homens. Eram todos republicanos. Era Ruy Barbosa, era Quintino Bocayuva, era Francisco Glycerio, era Benjamin Constant, eram outros ainda. De Deodoro dependia o successo do golpe que planejavam. Si elle se decidisse a chefiar o movimento, estaria feita a republica. Si, porém, faltasse o seu apolo, que era o do mais prestigioso soldado do exercito, só mais tarde, talvez, ella poderia vir. Todos lhe faziam vêr isso. Mas Deodoro hesitava. No seu entender, "a questão era simplesmente militar e bastava ao exercito derrubar o ministerio", segundo o depoimento de Glycerio. Os republicanos, porém, não desanimavam. Haviam de con-

ESTUDANTES DE OUTR'ORA E DE HOJE



Amavam a mulher e o vinho

N
A
F
A
R
R
A



1... 2... 1... 2... Vai rebolando no compasso...
D'aqui p'r'alli, d'alli p'r'aqui, bem compassado...
— Al, lá! Treme a geléa! Rebóla! "Pedaco"!...
...E ella treme trez tremidinhas cada lado...

vencer o velho soldado, e todos apresentavam os seus argumentos. Afinal, falou Benjamin Constant, com eloquência. Deodoro ouviu-o attento. Depois, pausadamente:

— "Eu queria acompanhar o calção do imperador, que está velho e a quem respeito muito".

Hesitou mais um momento, e resolveu:

— "Elle assim o quer; façamos a republica!"

A despeito da sua phrase, parece que Deodoro continuou indeciso. A 15 de novembro, quando o visconde de Ouro Preto, enjaulado no Quartel General, já desanimara da resistencia, Deodoro, á frente das tropas, ainda não sabia que destino dar ao movimento. O presidente do conselho, advertido por outros de que a soldadesca amotinada queria a substituição do ministerio, já telegraphara ao imperador, demittindo-se.

De repente, o velho soldado penetra a sala em que se encontram os ministros. Dirige-se a Ouro Preto, depois de atirar uma saudação familiar ao visconde de Maracaju, ministro da guerra, e diz-lhe ao que vem. Apresenta as queixas do exercito, offendido por actos injustos do governo. Fala no seu passado de militar, lembrando os perigos a que se expoz na guerra. E finalisa, segundo Ouro Preto, confirmando "que o ministerio estava deposto e que se organisaria outro de accordo com as indicações que iria levar ao imperador".

E' só depois que Deodoro resolve esquecer a consideração que lhe merece o velho monarcha. O movimento, incontestavelmente, estava victorioso. Por que, pois, não derrubar, com o ministerio, as instituições imperiaes? E veio a republica. Resultou, portanto, da indecisão sentimental do velho soldado.

A indecisão de Deodoro veio juntar-se o machivellismo de Floriano Peixoto. Mais importante, talvez, que o de Deodoro, para o advento da republica, foi o gesto de Floriano. Ha apenas a differença de que Deodoro, pondo-se á frente das tropas revoltadas, assumiu a responsabilidade, a séria responsabilidade do seu acto. Floriano agiu na sombra.

O proprio Jacques Ourique refere que, no dia 13 de novembro, Deodoro communicou ao ajudante-general do exercito os seus planos. Nesse mesmo dia, Floriano escreve ao ministro da justiça:

"A esta hora deve v. exc. ter conhecimento de que tramam algo por ahi além: — não dê importancia, tanto quanto seria preciso; confie na lealdade dos chefes, que já estão alertas."

Aliás, naquella mesma reunião que dias antes, se realisara em casa de Deodoro, o velho militar, ao lhe manifestarem os seus amigos o receio que tinham da acção de Floriano, sorriu, sereno, e contou-lhes que, certa vez, falando com o ajudante-general, este apontou para os botões da farda e teve esta phrase pittoresca:

— "Seu Manoel, a monarchia é inimiga disto; si fôr para derrubal-a, estarei prompto".

Portanto, o ajudante-general do exercito, em cuja lealdade confiava o Imperio, já estava inteirado do que se tramava "por ahi além" e concordava com os rebeldes. Achou, porém, de melhor aviso agir com prudencia. Deste modo, em 15 de novembro, nelle repousava a confiança do ministerio, ao mesmo tempo que com elle contavam os republicanos. Penderia para o lado do mais forte. Só quando percebeu o triumpho da revolução, porque manhosamente difficultara a defesa, é que arrancou a mascara, declarando ao presidente do conselho que não podia ir tomar a ar-

tilharia aos revolucionarios, porque eram todos brasileiros.

Das duas indecisões, a de Deodoro e a de Floriano, a que mais concorreu para a victoria da republica foi a ultima. A indecisão leal de Deodoro, que não tinha coragem de depôr o ancão que estimava, poderia ter ocasionado o fracasso do golpe de estado. As instituições apoiavam-se no prestigio de Floriano. Si este, desassombradamente, se puzesse ao lado do gabinete, ou, ao menos, ao lado do imperador, tudo mudaria — e Deodoro, talvez, si tanto conseguisse, teria apenas conseguido a mudança do ministerio. Si desassombradamente se collocasse ao lado dos republicanos, faltar-lhe-ia o apoio do governo e a revolução nem mesm! conseguiria talvez, depôr o ministerio.

Por isso, a republica deve muito a Deodoro. Deve mais, porém, a Floriano. Ficou-lhe o labéo de fraco, ou de dubio. Roeu, na sombra, os alicerces do Imperio, como roeu mais tarde, tambem na sombra, os alicerces do governo de Deodoro. Os roedores deixam os detritos como vestigio da sua passagem. Floriano, entretanto, deixou a Republica.

Era preciso que se casassem as duas indecisões. Não é raro nascer da fraqueza de dois seres um outro, vigoroso...

R. B.

S. E. d O. L.

— EU GENIO tenho elevado,
de brigar eu faço empenho;
que me custa dar um socco,
si braço. SI MÃO eu tenho?

ESTUDANTES DE OUTR'ORA E DE HOJE



Si a flor precisa de orvalho
Que a refresque ao arrebol;
Si a rosa, preza no galho,
deseja o rai de sol;

Si as aves, querem a aurora;
O justo, a paz do Senhor.
Assim tambem eu, Senhora,
Preciso de vosso amor!

Si a onda procura a plaga;
Si o lyrio, almeja o favonho
que meigo e manso o afaga;
o peccador — o demonho;

N A P O E S I A



Tá-rá-rá, xem! Tá-rá-rá, xem! Tá-rá-rá, xem!
[Xem!]

Elas chegam!
Vivó! Vivó... ó... ó...
A Inspiração!
Custou
tanto, como si eu morasse no ultimo andar do
[predio Sampaio Moreira]

CÉO BRASILEIRO

A Ronald de Carvalho

Oh, Céu de minha terra,
sinto o delírio da sublimidade!

Quando eu te vejo, ao pôr do Sol,
banhando com o esplendor da tua luz
— essa coloração tropical
cheia de fé e de esperança,
os louros reconditos dos rios e das bahias, e
as cordilheiras altivas e perfumadas,

Oh, Céu de minha terra,
sinto o delírio da sublimidade!

Tu és todo um mundo em convulsão

A Natureza fecunda e
exuberante,
murmurando em soliloquio, flacidamente,
ao frescor de uma brisa amena,
canta em teu louvor a Ave-Maria...

É todo este mundo em convulsão
— que são as tuas viscosas palmeiras e os
verdeantes das serras, [teus mares
espera a tua divina benção!...

Céu Brasileiro!

Velas as terras grandiosas, mornas,
avelludadas, de exalações inebriantes:

velas as aguas crystallinas
que correm brejeiras como véos de noiva

acariciando o collo arfante,
assetinado,
virgem;

velas o povo heroico, filho das selvas,
onde as mattas gemeram ante o tumultuar

[dos rijos
tacapes e dos silvos terrificos das flechas, e
do latuque febril, como o ribombo de ca-
[nhões famintos,

vomitando chispas de fogo,
desde a margem do Arroy-Chuy
até os paramos gigantescos do Amazonas!

Céu de minha terra,
terra de minh'alma,
o Brasil é a tua perola
que scintilla no Universo!

Oh, Céu de minha terra,
sinto o delírio da sublimidade!

Altamir de Moura

(Estudante de Direito em Niteroy)

O RÉU

O réu, foi o nosso collega, o Laureano
Sobrinho, rapaz muito esforçado e intel-
ligente, que fazia por essa época o 2.º
anno da Faculdade.

Como quasi todo estudante de direito,
o Laureano conseguia arranjar um lugar
nam escriptorio de advocacia e ahi pas-
sava os seus dias, compenetrado de que
já era doutor, embasbacando os clientes
na sala de espera, discorrendo com em-
phase sobre os pontos que aprendia na
vespera. De vez em quando, soltava um
daquelles celebres textos de direito roma-
no, textos que eram o pesadello de todo
alumno do illustre dr. Porchat, deixando
assim as suas pobres victimas completa-
mente embasbacadas. Nas horas vagas,
escrevia artizos sentimentalistas e melo-
dos, com que collaborava nos jornaes do
interior, e estes os publicavam acompa-

nhados de elogiosas referencias, geralmen-
te escriptas pelo proprio articulista.

Mas, justiça lhe seja feita, o Laureano
é um rapaz intelligente e bom estudan-
te. Conheço-o de muito tempo. Somos col-
legas desde os bancos gymnasiales e jun-
tos continuamos o nosso curso na Facul-
dade e vivemos como bons irmãos.

No entanto, vejamos como o destino é
mão, inexhoravel. Este rapaz tão cheio
de qualidades, tão cumpridor de seus de-
veres, tornou-se réu de uma hora para ou-
tra, sem esta nem aquella.

Certa occasião, dirigiu-se o nosso he-
roe, ao forum criminal, incumbido pelo seu
chefe, de levar uns papéis ao cartorio. La-
se foi o Laureano, sobraçando quasi uma
resma de papel almaço, pois, é preciso
que se note, alem da petição levava elle
toda essa papelada para fazer volume e
dar certa importancia.

Chegado que foi ao Forum depois de
fazer despachar os papéis lembrou-se de
que havia nesse dia um julgamento im-
portante, e resolveu decretar por sua con-
ta, alguns minutos de feriado affirm de
assistil-o.

A sala do jury estava repleta. Era uma
sessão importante. O advogado da defeza
arrebata a assistencia que o ouvia
deslumbrada.

Aqui é preciso abrir um parenthesis pa-
ra dizer que os estudantes possuem no
jury lugares reservados. Este particular
serve para esclarecer mais adiante.

Mas, o nosso Laureano? Ell-o que en-
tra, numa attitudo de espanto e admira-
ção ante aquella scena empolgante. Entrou
erecto, olhar fixo no orador e distraido
cambalhava entre o povo sem sentir siquer
que estava sendo barbaramente esprimi-
do. De repente delle se approxima um ro-
busto e herculeo "polydoro", negro como
a alma de Judas, revolver a tiracolo, re-
fle dependurado, personificação exacta da
lei hoje em dia, como com muito espirito
dizia um dos nossos collegas que não con-
cordava com as definições do Corpus Ju-
ris, e diz-lhe em voz autoritaria: — "Mo-
ço, arrespeite o recinto, tire o chapéu".
Como quem desperta de um somno, o
Laureano, quasi que instinctivamente tirou
o seu enxebado chapéu preto e continuou a
sua marcha. Eis que desviando um pouco
a vista topon o nosso homem com alguns
collegas que assistiam a sessão do lugar
que lhes era reservado.

Para lá se dirigiu sem contido desviar
os olhares do advogado que fallava com
grande eloquencia. Chegou perto de um
rapaz bem vestido e disse-lhe com camara-
dagem batendo-lhe na perna: — "Oh!
collega faça o favor de chegar-se um pou-
quinho para lá?" e sem mais aquella res-
festelou-se numa imponencia magistral.
Immediatamente o juiz apertou a cam-
paina. Soldados se acercam do Laureano
que livido ante tão inesperada mobi-

lização, tirou tremulo do bolso, seu car-
tão de matricula e repetiu solenne a phra-
se de R. Alves: "Aqui é meu lugar". Nis-
so um soldado disse-lhe baixinho ao ou-
vido: "não, moço o sr. está enganado,
aqui é o banco dos réis". A cara que o
Laureano fez nesse momento daria a mais
sublime caricatura, do homem desenxabi-
do. O homem se sentara no banco dos
reus.

Sensação! O advogado parou de fallar.
O Lucas então, quando percebeu a espar-
rela, num gesto theatral e comico, deu
uma palmada na testa exclamando: —
"Que rata, meu Deus!". Foi um riso ge-
ral. Quebrou-se toda a solennidade do ju-
ry e o nosso amigo sem saber o que fi-
zesse, envergonhadissimo e vexado assu-
miu proporções de arco-iris. Nesse mo-
mento um advogado amigo que se achava
perto teve pena e velo animal-o offerecen-
do-lhe o seu lugar.

Foi assim que o nosso Laureano se tor-
nou réu. Réu, aos 19 annos, em pleno
vigor da mocidade, sem commetter delicto
que não o dá distração.

Excusado é dizer que elle não foi con-
demnado pelo jury, mas não escapou á
condemnação implacavel das "piadas" e
das galhofas dos seus collegas que não
podiam se conformar com aquelle modo
tão original com que elle se estreou nas
barras do Tribunal.

O Laureano é extraordinario.

P. Gouveia Netto.

Um poeta da Academia

Cem annos de existencia!... Cem an-
nos de luctas!... Cem annos de glorias!

A velha e tradicional Academia, vê hoje
desfilhar aos seus olhos, uma pleiade illus-
tre, que ella, como u'a mãe ciosa de seus
filhos, soube acalentar em seu seio, pre-
parando-a para as vicissitudes da vida.

Nesse desfilhar então, ella revive em
cada um, um anno de gloriosa existencia.

Desde os tempos da antiga Provincia de
S. Paulo, das republicas de estudantes,
das serenatas e dos bohemios, até os dias
da agitada, laboriosa e progressista Pauli-
cea, os vultos assomam, proclamando bem
alto, o que foi esse seculo de existencia.

Desde o poeta bohemio e triste, até o
eminente jurisconsulto, a grandeza deste
seculo está bem patenteadá aos olhos do
Brasil.

Lembremo-nos d'aquelles que nos pre-
cederam.

Deixemos á parte os jurisconsultos, os
homens de Estado, estes, a sua lembran-
ça está bem viva em nossa memoria;
aquelles consultamol-os sempre em nossa
labuta estudantina.

Recordemo-nos dos poetas, os que com
seus canticos são um lenitivo para os que
se empenham na lucta insana pela vida,
daquelles que, como já disse um nosso es-

criptor: são as cigarras, nessa vida, em que nos somos as formigas. E para revivê-las, basta-nos citar somente um nome: Castro Alves.

Antonio de Castro Alves, nasceu em 1847, na terra de Ruy, o filho da nossa Academia. Estudou à principio em Pernambuco, vindo depois para S. Paulo.

Apesar da morte tel-o ceifado no esplendor de seus vinte e quatro annos, não teve a nossa poesia mais lidimo representante que o ardente e arrebatado poeta bahiano.

Com seu brilhante estro e emoção fortemente, deixou-nos Castro Alves paginas inenarraveis, onde, ora se vê sua alma, vibrando de entusiasmo, como em O Navio Negreiro e o Genio, ora descahindo para uma simplicidade encantadora, como se nos mostra em, Tyranna, Boa Noite, etc.

Discipulo do velho Hugo, Castro Alves, por vezes, levanta-se em surtos brilhantes, dignos de seu mestre. E' simplesmente admiravel o seu poema Sub Tegmini Fagi, em que o hugoanismo poetico se revela em toda sua grandeza.

E' o poeta idolatrado pela juventude; com seu temperamento apaixonado, Castro Alves symbolizou sua idade.

Sonbe ser tambem o poeta da Liberdade.

Em sua jovem alma palpitava um patriotismo latente e cedo soube comprehender a ignominia do barathro lamacento em que chafurava sua Patria. Tornou-se o cantor do captivo.

Não se referia a factos particulares, penetrou, no entanto, levado pelo seu pujante talento, até o âmago da execranda nôdoa, e soube descrever-a em todas as suas cores vivas.

As obras em que mais esplende seu estro, são aquellas em que se refere à Escravidão.

Em O Navio Negreiro, Vozes d'Africa sente-se o rufilo e sincero entusiasmo com que o poeta pugnava pela causa sagrada.

E com isto tudo, podemos considerar que, poucas foram as pessoas que, em sua idade, conseguiram revelar tanto talento e tanta grandeza d'alma. Pena foi que, o Destino, esse deus omnipotente, quizesse apagar tão cedo a fulgurante chamma da vida do excelso poeta.

Si mais tivesse vivido, certo teria sido, não só um grande poeta, mas tambem, juntamente com Patrocinio, Ruy, Gama, Ferreira de Araujo e outros um dos baluartes do Abolicionismo.

Um consolo nos resta. E' que apesar de sua curta existencia não permittir que elle chegasse até a realisação do Ideal Grandioso, Castro Alves deve ser apontado como um dos precusores d'aquelles que, dezesseis annos mais tarde, haveriam de escolmar de nossa Patria a chaga da Escravidão.

ARISTEO — (1.º anno).

A ALMA DAS RUAS...

Todo São Paulo se encapotou... E a onda fria que vem chegando, enrodilhou a cidade no véo fôco da neblina.

E' este o São Paulo que eu adôro, a terra da garôa e da melancolia. A alma paulista é o retrato vivo da cidade assim, toda molhada no amanhecer de suas ruas, toda respingante de frio, num cheiro áere de capa de borracha...

Perambula pelo Centro, nessas tardes seismarentas como as de hoje, a alma das cousas desertas, dos descampados êrmos, rorejantes dos pingos da garôa. Tardes verdadeiramente paulistas, tardes cheias de tédio, cor de cinza de cigarro...

E como é doido de ver-se essas garotinhas encorujadas, dentro de capas "pelle-de-onça", arminho russo encaracolado no pescoco alvo, a saltitar, appressadas, os sapatinhos sujos de lama, nas calçadas cheias de póças d'agua!

Quanto heroismo ha, na vida dessas creaturas que, muita vez em chegando à casa, têm a alisar os cabellos brancos de uma velha mãe, ou o sorriso brejeiro de um irmãosinho travesso, orphão, dos carinhos paternos!

Quanto sacrificio ha, na vida dessas pobresinhas que affrontam os rigores do tempo, que mourejam diariamente no trabalho... E, muita vez, para deixar sobre a mesa tosca de sua casa, um pedaço de pão a um pae miseravel, que rôla do balcão de uma venda para outro; ou a um irmão desalmado, que lhe exige metade do ordenado para metter-se no jogo...

E' essa a alma triste das ruas, o coração dolorido da cidade... E' a isso que os potentados, dentro das cortinas douradas de seus automoveis; que os argentarios, nas almofadas fôfas de seus carros, não sentem tiritar de frio pelas calçadas.

E é a esse São Paulo humilde, a esse São Paulo dos pequeninos que eu adôro...

PAULO PAULISTA.



DR. JOÃO MONTEIRO

HISTORIA PARECIDA COM OUTRA, MAS MUITO MAIS DOLOROSA...

"O terceiro baixou os olhos, devagar, disse um nome baixinho... e não poudo falar!"

(Olegario Mariano - Boêmia triste)

Eram trezentos e quarenta e oito em torno ás mesas. Trezentos e quarenta e oito a quem a Vida, na sua trama de illusões urdida, juntou no mesmo affecto e debaixo do mesmo tecto. Todos, ou quasi todos, bons rapazes. Eram trezentos e quarenta e oito... O primeiro não falou.

O segundo não falou. O terceiro não falou. O quarto não falou. O quinto tambem não. O sexto tambem. O setimo, não tambem. O oitavo, não. O nono não. O decimo tambem não. O decimo primeiro idem. E assim todos idem, idem, no mesma data, até o tricentesimoquadragesimooitavo. Ninguem disse nada. Nada, nada... Nem uma palavra...

Era num internato de surdo-mudos.

Paulo de Tarso Mendes de Almeida.

O Ensino Jurídico-Social

Para o "Academico".

Depois da conferencia Plinio de Mello sob as arcadas, preciso se faz nos espiritos desapaxionados de alumnos, professores e pedagogos — encetar uma discussao pela imprensa, tribuna ou outro qualquer campo de demonstracoes para o fim de se concluir si de facto o ensino de Direito está... torto, ou si pelo contrario está muito bem.

De mim pretendo expender algumas consideracoes afim de inaugurar modestissimamente — a serie de valiosas opinioes que por certo não de vir... sobre tão palpitante assumpto.

Falaremos preliminarmente sobre o que ha, actualmente; procuraremos aluzir nossa critica e, apoz, mostraremos o que é possível se fazer para bem da classe estudantina.

O ensino juridico-social hodierne não traduz as necessidades da epoca e do meio ambiente. E' o mesmo de ha cem annos. Precisa modificar-se.

De sociologia — além de algumas preleccoes — allas brilhantes sobre Economia Politica — a Academia de nada, absolutamente de nada cuida. Limita-se a, no fim do curso, declarar que o alumno é bacharel em sciencias juridicas-sociaes! E' essa tambem a opiniao de illustre cathedatico.

Sobre a materia juridica temos a esclarecer que os programmas dos colendos professores são brilhantes. Quem os aprendesse — por certo — sabiria sabendo boa dose de Direito.

Mas, a Sciencia e a pratica all consubstanciadas (ha excepcoes brilhantes) não sabem! O alumno fica sem grande parte dos conhecimentos all indicados. E' como quem vae a um theatro atraído por um programma de arromba e não consegue presenciar mais do que a "ouverture".

Com effeito, sendo escasso o tempo de aulas, levando os professores não muito a sério o ensino, (tornamos a insistir que ha brilhantes excepcoes) intromettendo-se a politica na Academia o resultado não podia deixar de ser outro:

Os professores ensinam e os alumnos aprendem — justamente a parte menos interessante das materias — concatenada nos primeiros topicos dos programmas de ensino.

Para o alumno o resultado é nullo. Resulta o axioma: que grande copia de bacheareis sabem da Academia sem saber fazer uma simples peticao.

E' verdade, em parte! De materia pratica então nada ha. Quantos e quantos alumnos sabem da Academia sem saber onde fica o Forum!

Sem nunca terem visto um processo! E, no entanto, "estudaram" cinco annos!

Diga-se de passagem esta verdade: esses cinco annos, expremidos não nos dão meio anno de effectivos estudos!

Ponderação que ha alumnos que sabem como um Antunes, um Monteiro, um Egylio — para só fallar do 4.º anno.

Mas, responderemos que não é licito argumentar-se com excepcoes.

O objectivo das ideias expendidas deve ser o commum dos alumnos que vêm Academia para aprender a materia pelos professores e não "sponte sue" como fazem muitos, dizendo que da Academia só querem o diploma...

Essa opiniao não pôde prevalecer por não consultar os interesses da collectividade nem aos dictames da lógica.

O curso da nossa Faculdade resume-se hoje a ensinar o alumno estudar, o que, positivamente, deve ser modificado.

Isto posto: parece-nos que o mal está collocado num aspecto duplo. Primeiro, no diminuto tempo de ensino. Segundo, na sua não especialisação.

E' o que procuraremos mostrar.

Dissemos linhas acima que o actual ensino juridico-social não traduz as necessidades da epoca.

De facto hoje seculo das especialisações dentro das proprias especialisações não se comprehende mais a generalidade existente nesse modo de ensino.

Si outras sciencias muito mais facéis como por exemplo a engenharia e a medicina comportam especialisação porque não é vastissimo e difficilissimo Direito?

Seria inoquo repetir, tendo-se em vista o auditorio, que é pela especialisação que se chega a perfeição e que aquelles que querem saber muito e demais acabam por conhecer nada ou, quando muito — tudo por alto.

Por outro lado os problemas sociaes que empogam o mundo, produzem a grande

AS EMBAIXADAS

Declamado pelo auctor, no palco do Cine-Republica no "Dia do Estado do Rio de Janeiro".

**Embaixadas gentis, que a hospitaleira terra dos bandeirantes visitais!
Nossos irmãos de sonhos e ideais!
Estudantes da pátria brasileira!**

**Recebei, — mocidade feiticeira,
flôres que em frutos bons vos transformam —**

**recebei nossos beijos fraternais,
nessa amizade sã e sem fronteira.**

**Luctemos pela pátria que carece
do nosso braço forte, leal, viril.
Nós somos a alvorada que amanhece!**

**Nós somos a manhã rósea de abril!
Luctemos, ao calor que nos aquece,
pela grandeza e glória do Brasil!**

JULIO RAPOSO DO AMARAL
Bacharel do centenário.

Revolução Vermelha da Russia; agitam actualmente a Austria; foram abafados a golpe de espada na Italia e se propagam pelo mundo em fóra.

Dentro de poucos annos teremos que legislar sobre um assumpto do qual nada sabemos.

Dissemos mal em fallar dentro de poucos annos. Hoje mesmo nesta palpitante e indocisa actualidade temos necessidade de confeccionar leis para regularem assumptos tão serios como o trabalho de menores nas fabricas, a repressão aos vicios e más costumes e tantos outros.

E' evidente pois que o ensino de Sociologia actual é tão apagado como se não existisse. Por outro lado — sendo, como já dissemos, a epoca de especialisações, o ensino juridico tambem está fóra do ambito, por archaico, em que devera estar. Está como se sabe atrasado de cem annos.

Não se confunda o pensamento aqui expellido. O que dizemos estar atrasadas não são as normas constantes da Sciencia de Justiniano, mas, o processo pelo qual são ellas ensinadas.

A complexidade actual é um mal. A simplificação e especialisação seria um bem.

O tempo de estudos academicos devêra ser a nosso ver — augmentado em horas de aulas — diarias encurtando-se por esse processo o numero de annos de cinco para trez.

Isso para o curso de advogados, pois, pelo nosso plano haveria trez cursos: um de trez annos para advogados, sendo que mais pratico do que theorico. Haveria procedimentos processuaes de toda natureza. Incidentes forenses de resolução immediata. Feituras de razoes e jurys onde os futuros advogados se acostumassem ás lides do verbo... Ao lado de tudo isso haveria tambem aulas de medicina publica e materia policial essencialmente praticas de modo a impedir que se dessem factos como acontecem hoje em que o delegado ou advogado fica deante dum laudo ou de um corpo de delicto inteiramente "ad quo".

Ao lado desse curso — onde o ensino seria efficaç e onde todo o dia do alumno fosse applicado ao mesmo — haveria o curso para juristas. O primeiro anno seria commum. Nelle se ensinariam materias que servissem de base aos estudos de todos os cursos.

O curso para juristas seria de cinco annos como o actual. O numero de aulas seria como atraz foi dito de modo que preenchesse todo o dia com aulas successivas.

Isso não seria novidade — pois nas Faculdade de Medicina e Escola de Engenharia assim é.

Finalmente haveria o curso para diplomatas: de trez a quatro annos e onde a par de um desenvolvido estudo sobre D. Internacional Publico se estudariam as materias mais applicaveis a esse myster.

Acreditamos que assim se teria aproveitado o tempo e especializado as matérias, correspondido á actualidade, dando-se ás gerações futuras bons advogados, bons juristas e bons diplomatas — o que é afinal o empenho de uma Faculdade de Direito.

Concluindo:

Fazemos questão de que fique bem patente que não nos anima a vontade de criticar a esmo e sim a de crear melhores dias, de ensino mais proveitoso ás gerações vindouras. Mais ainda: pelo bem que queremos á nossa velha Academia esperamos della melhores processos de ensino, isto é, mais compatíveis com os futuristas dias que correm.

Si as ideias nossas ferirem alguém, o nosso perdão. Si forem más só temos a allegar que ao lado de sua imprestabilidade ergue-se e se põe em evidencia a nossa grande sinceridade.

Perder-se-a por tudo, menos por isso.

S. Paulo, 18-7-927.

Olavo Pajol Pinheiro.
4.º anno

UM VESPERAL DANSANTE NO ANNO DE 1925...

O JAZZ

Numa alegre sarabanda,
Bimbalhando, a gargalhar,
Els que rompe grita infanda,
Caracolando no ar!...

Ribomba, pipila, apita,
Fonfona, silva, retumba,
Febri!, o compasso agita,
Numa rubra sarabumba!

Tara-tatchin-tatchin... bumba!...

Ora, maxira, chocalha,
Num delirio, num furor,
Num cheque-cheque de palha,
Ou no rufo de um tambor!...

Tara-tatchin-tatchin... bor!...

Ora, se amansa, dolente,
Sapateando, num fandango;
E, após, muito lentamente,
Como um oleo doce, quente,
Coléa, escorre no tango!...

Tara-tatchin-tatchin... tango!...

A DANSA

E, no grande salão,
Todo luzes phreneticas,
Scepticas,
— Grande multidão!...

Muito calor! Muito calor!...
Mas os perfumes protectores
Nos salvam dos taes odores...
De suor!...

E, nas ondas,
Redondas,
De sons, de sedas, de fitas,
Vem-se moços e moças bonitas,
Sem cessar,
Sem cessar,
Fox-blue,
Fox-blue,
A dansar!...

E que dansa melosa!
Gostosa!!!

Turbilhonantes,

Frementes,
Os corpos, líquidos, quentes,
combinam-se, borbulhantes,
Em químicas reacções!...

Encontrões... Encontrões... Encontrões...
Mas... Impossível separações!...

Causa pasmo!
Causa espanto!
Tanto entusiasmo!
E' um encanto!...

Pois, de feito,
De tal jeito,
Os "elementos" se ligam,
Com tamanha afinidade,
Que os "compostos",
Na verdade,
— Estes versos não intrigam... —
São seres descommunes!...

Têm um só tronco... Dois rostos...
Quatro pernas, quatro braços...
E apresentam certos traços
Das espécies bi-sexuaes!...

E, bailando,
Cabeceando,
Cabeceando,
Cabeceando.
Vão os monstros deslizando...
Entre ondas,
Redondas,
De sedas, fitas e sons...

Palmas... Palmas... Palmas...
Repetição!...

— A primeira?
— Não posso...
— A segunda?
— Não posso.
Só a decima...

Irritação!!!

Rapazes, moças ondulam...
Borborinho atroador!
Pombinhos num canto rulam...
Mas, não — amor!... Mas, não — amor!...
Pois, o "flirt"... o "flirt", é minha gente!
E' um doce fingir paixão ardente!...

O FIM

E' a "salada"!... E' a "salada"!...
Tudo vae de cambulhada!...
Maxixe, rig-time, fox-trott,
Tango...

Tudo a galope!
Tudo a galope!...

Num rodopio louco, a rapaziada
Aproveita o finzinho da "salada"...

Meu bem, não chora!
Arruma a "troxa", toma o trem
E vá se embora!...

E do Jazz a grita infanda,
Bimbalhante, a gargalhar,
Vae morrendo, branda, branda,
No ar!...

Chapéó!... Chapéó!... Chapéó!...

Da noite no escuro véo...
Fonfon... Fonfon...
Denden... Dindin...
Estava tão bom!
Que pena!
Tão cedo o fim!...

E a lua, serena,
nas moças um ar de gangrena!
Olheiras fundas,
Corpos moldos...
Sem ouvidos...

Só pernas vagabundas
Na Avenida!
Insana lida!...

Alkaïos.

Uma synthese genial

Referindo-se ao grande Eça, Jayme Ségulier procurou, na phrase que vou citar, resumir o que tornou distincto o notavel escriptor entre os inumeros escriptores da galeria portugueza: "Um estylo original e colorido, embora por véses incorrecto e maculado de estrangeirismos inuteis; uma visão singularmente pessimista dos homens e das cousas; os mais raros dotes de observação, de humorismo e de ironia, que bastam só por si para assegurar a Eça de Queiroz um logar inteiramente á parte na galeria dos grandes escriptores do seu paiz". O illustre portuguez é bastante conhecido, lido e admirado: citei a phrase de Ségulier, e isso basta para que se avive o traço mais firme do seu genio. Conhecido o escriptor, vamos estudar um dos principaes personagens de sua criação: Gonçalo Mendes Ramires.

Quem conhece, mesmo em seus factos principaes, a historia de Portugal; quem conhece o principal personagem d'"A illustre casa dos Ramires", ha-de notar uma certa analogia entre esta fixação genial do Eça e a vida nacional da patria portugueza. Pouco importa que pareça estranho um homem, no seu character e na sua vida particular, assemelhar-se a um povo, a uma raça, na sua vida collectiva... Trata-se de uma concepção genial e quem a concebeu foi Eça de Queiroz.

Mas vejamos onde se encontra essa semelhança, essa analogia.

Qual a formação psychica que Eça emprestou ao ultimo dos Mendes Ramires? Ao ultimo habitante daquela Torre, testemunka muda de muitos feitos heróicos, altruisticos e barbaros de uma familia que se manteve através de mil annos e que, por isso mesmo, possuio homens de todos os feitios, segundo a epoca, o tempo e os costumes.

Vejamos Portugal através desse mesmo tempo.

Gonçalo Mendes Ramires, um misto de audacia e timidez, de bravura e cobardia, de entusiasmo e desanimo, é um agglomerado de qualidades antagonicas, que não podemos definir, por não ter um traço caracteristico, um aspecto que o torne distincto, uma linha que o torne unico. Nenhum traço do homem firme e constante, no homem inflexivel e tenaz que se nos apresenta em se imaginando um Homem, cousa rarissima entre os milhões de bipedes da especie humana; nenhum traço do homem fraco e desorganizado que se nos affigura a reserva repugnante de ardis desleaes e de melos facéis para a conquista do triumpho; nenhum traço do homem vil, concentração de ideias tenebrosas, ameaçador e horripitante, que descobrimos em se observando o

:: Cartas de João D'Ether ::

honra machiavellica, menos o aspecto humano — que em todo o homem é bello, imagem que é do Creator. Nenhum traço que o caracterize; uma alma indefinivel em que encontramos qualidades oppostas, iguaes em intensidade, nenhuma pairando sobre as outras, pois se assim fosse ahi teriamos a sua cor, a sua força, o característico do seu genio. Esse, Gonçalo Mendes Ramires, vejamos se não é assim:—

O fidalgo da Torre nunca deixara de soffrer humilhações: "todas lhe resultavam de intentos muito simples, tão seguros para qualquer homem como o vôo para qualquer ave — só para elle constantemente rematados pela dor, vergonha ou perda".

Tremia deante da menor ameaça; recuava deante do menor perigo. Alma tímida, carne espantadica e medrosa. Uma noite o pavor da sua propria condição mesquinha fez com que luctasse comsigo mesmo: o grande drama psychico não preciso descrever pois constitúe uma das paginas mais finas do grande Eça, e isso basta para que eu não ouse tanto. Supponho que todos a conhecem. A' manhã, um sangue novo deu-lhe o vigor de um Ramires dos outros tempos. A audacia nós a vimos quando em um passelo reconfortante, castigou a chicotadas o moço das suissas louras que tantas vézes o humilhara... e contra o qual nunca sua mão covarde se erguera. E era acção e reacção: ora uma qualidade cedendo lugar á outra, sem que nunca uma se firmasse.

Generoso, bom, valente, alegre n'alguns instantes, noutros, Gonçalo era ambicioso, máo, covarde, triste. E assim, gestos que se tocam, attitudes que se chocam. E Portugal?

Não teve tambem os seus colapsos, os seus instantes de abatimento e de loucura? O Portugal d'Aljubarrota não é o mesmo Portugal d'Alcacer. O Portugal que alcançou as Indias será o mesmo que tremer ante Junot? D. João VI e D. Sebastião não representam o pavor e a loucura? O infante de Sagres não será a prudencia, a attenção, o estudo, produzindo e multiplicando? Assim, num rapido esboço da historia de Portugal se expressou Pinheiro Chagas. E esse Portugal tão cheio de contrastes não lembra o fidalgo da torre? Eça responde que sim, quando pela bocca de um dos seus personagens diz, finalizando a sua obra: — "Assim todo completo, como o bem, como o mal, sabem vocês quem elle me lembra?"

— Quem?

— Portugal!"

E eu fico a pensar em um tão genial poder de synthese, enquanto muita gente exagera, augmenta, amplia, uma coisa por si só pequena e simples...

JOSE AUGUSTO COSTA.

João d'Ether é um homem que teve pretensões litterarias!

Secretario de Embaixada, em Paris, elle estragou por lá a saúde do corpo e do espirito. No Brasil elle concerta aquella e, solitario, descrente de si mesmo, vive numa sítio, em Campinas, cultivando legumes e classicos. Elle não comprehende o modernismo tendo em horror a inquietude intellectual dinamica de nosso meio. E' preciso lamentar João d'Ether e perdôar-lhe o scepticismo cynico: porque elle é bom, é simples, ingenuo e sincero, embora deteste a sinceridade.

João d'Ether não se crê obrigado a coisa alguma sendo inutil odioso, critical-o; elle sequer responderia.

Pedimos sua collaboração como symbolo de uma corrente passadista que nossa litteratura quasi não teve.

O. H.

Meu caro amigo,

Ahi vai a primeira carta que escrevo de meu sitio: o primeiro crime que cometto após a minha sabia resolução de plantar legumes. Escrever é pensar; é juntar uma gotta d'agua ao oceano das duvidas humanas. Porque, desgraçadamente, eu não me julgo capaz de possuir a verdade e tudo quanto digo condiceiona um desanimador "talvez", suppõe um pallido "é possível".

Enfim neguemos o livre arbitrio e façamos, por conta de um Jeovah qualquer, o desapontado balancete dos "Homens... Mulheres e Amores" prometida ha tanto tempo.

Entre as poucas cousas agradaveis que o Codigo não se arroga a petulancia de nos prohibir está o se maldizer das mulheres. O que é sabio, humano e justo.

Sem esse cauteloso esquecimento o seu destino encerraria a tragedia do puritanismo, o doloroso dos apostolados, o ridiculo das reformas mal pesadas. Elle seria, ou pisado, ou empido; e o Codigo, positivamente, não está para essas ranceiras. Elle é um Senhor grave, barrigudo de mil e tantos artigos, profundo e convencido.

Cheio de reumatismos e myopias, portanto impertinente, muito se lhe deve desculpar. Elle nasceu velho como todas as collectaneas de preconceitos e senso commum, o que justifica a sua covardia. O senso commum mostrou-lhe que não poderia alargar, ao infinito da volabilidade masculina, as obrigações femininas de amar. A covardia instinou-lhe que seria perigoso tolher a expansão muito honesta da mascula fatuidade. E o Codigo prohibiu que se falasse mal de uma mulher: fizesse das mulheres... Machiavellico? Não... pobre Codigo! Escutaste apenas um prudente instincto de conservação.

Poste covarde, que importa, a covardia é humana...

Alas elle não monopolizou para os homens a doce compensação; deu-a igualmente, e sabiamente, ás mulheres. O que é natural; repulsa, em relação de sexo para sexo, objectiva generalisações pouco amáveis. Nada, realmente, nos paga tão bem de uma pequenina paixão illudida quanto meia dazia de observações maldosas atiradas á paciencia de um amigo infeliz. Não poupamos e não somos poupados. Liberdade e Igualdade...

A differença está no ardor combativo do homem e tristeza morna da mulher, ou melhor, da moça. Aquelle impreca, é brutal, embebeda-se, e, aos poucos com o alcool ingerido, vomita as raizes mais fundas de uma paixão immorredoura.

Lá Vargas Villa, ou não lê, mas cita... e modifica a expressão imbecil de Schopenhauer para — "a mulher é um animal de cabellos e idéas curtas"... Na mulher enganada tambem ha pruridos de revolta; pruridos... Ella vérifica o mais das vezes, que o peor no desprezo é a perspectiva do desprezo. A virgem soffre enormemente mais porque o seu soffrimento é melhor, é doce, é bom. Da-lhe o conforto delicioso de uma superioridade indefinivel, vaga, mansamente voluptuosa. Ella sente-se mais pura, mais ideal, mais romanesca. Por isso suas queixas são menores, imprecisas, quasi gratas!

"Ah... os homens... os homens!..."

E fica nisso. Mesmo porque a educação faz do remorso uma especie de obrigação moral e as desillusões são justificativas accetadas por qualquer consciencia... de boa vontade. Cahe em desuso, pouco a pouco, a velha praxe de afogar ciumes em sangue alheio e a humanidade vive, compassadamente, uma idade tão insipida quanto as outras.

Os homens, em geral, são insupportaveis quando amam!

A exclamação, meu caro, é apenas admittiva da restricção. Nós somos normalmente intoleiraveis. Uma fatalidade organica nos arrasta á sinceridade; ao "étalage" de miserias desinteressantes e desagradaveis.

A franqueza é a tuberculose das amizades. Ella não é má e sim prejudicial. E' tão bom ter-se illusões.

Enfim... ea dizia que os homens são insupportaveis quando amam. Ha os que entornam seus amores pelos "bars", pelos "dancings", tyranicamente, exhaustivamente. Roubando-nos o somno, o bom humor, o prazer de uma noite fria, para, barbaramente, louvar a banalidade de um cravo, de um olhar, de um beijo.

E o primeiro encontro, e o segundo en-

contro, e o terceiro, e o quarto, e o quinto, incansavel, impiedosa, abusivamente. Afinal que representa tudo isso somando na vida de um homem? Possibilidades maiores de uma desgraça maior. Ha os apaixonados casmurros que juntam tolices para o enxoval, que tem vergonha de amar. Ha ainda os egoistas de suas sensações, martyrisados d' um dia, mudos e distraídos. Poucos amam naturalmente como se come, como se dorme.

Para a mulher o amor é menos custoso. Mais toilletes, melhores freios aos instinctos...

O mais é de todos os dias: sonhos e confidencias doces. A's vezes, porem, nem sonhos, nem confidencias doces, mas a amarga explosão de raivas amorosas e musculos amestrados...

Dos varios amigos que me fizeram a honra de abrir coração e cerebro, trez ha, mais interessantes, que o prazer de toda indifferença traz para esta carta.

O primeiro, 30 annos, myope, principio de calvice, de fortuna e de ventre. Advogado e jornalista elle fala do outro sexo como quem discute um principio juridico. Finca o fura bolos no ar, cavalla melhor os oculos, franze a testa d'aquelle modo que se convencionou indicar concentração de espirito e diz:

"Todo o mysterio da mulher está no homem."

"A mulher é physicamente imperfeita: a mulher é inferior — a razão nol-o prova, a sciencia nol-o mostra, a historia nol-o affirma"... todas aquellas cousas azedas que 30 seculos de despeito ingenuamente accumularam.

O outro, 24 annos, symbolo doloroso da eterna inquietude humana, taciturno, lyricamente sceptico. Noivo, elle já bebeu o chá com biscoitos de todas as futuras tias, já soffreu o zangarreio ocular de todos os futuros primos, já ouviu as pilherias gordurosas de todos os amigos...

No intimo elle responsabilisa a noiva dessas pequenas decepeções e... quer-lhe mal por isso!

Os seus olhares de amor são interrogações desconfiadas. Elle sabe o que lhe reserva o futuro e não lhe pode fugir. Não saberia si o quizesse. Elle tem tiradas de um cynismo adoravel e arrulhares plangentes de pobre pomba indefeza.

Ella, naturalmente, não o comprehende: está noiva e quer casar-se; elle, entretanto, sente a tragedia do momento.

O outro, o terceiro, não tem idade... foi o meu maior amigo.

Seu coração, um velho automovel de praça, as mulheres o tomavam por hora, por corrida, por taximetro.

Elle amava com sinceridade, ingenuo e simples, mas, amava, apenas, o amor. De onde uma volubidade estafante, que o irritava, que o fazia soffrer. Elle passou a vida amando: foi um infeliz.

Nunca ninguém o comprehendeu... Mesmo porque o homem não é animal que se comprehenda. Cada um de nós é um grotesco mundo à parte, incomprehendido e incomprehensivel. Não ha sonho melhor, e mais louco, que o, da integração de um ser em outro ser.

O artificialismo de todas as complicações sociais; quer amorosas, quer politicas, quer artisticas, trouxe-me o amor dos seres simples, do menos racional. Dos seres que vivem; que affirmam, sem preocupação de justiça, sem hypocrisia-elegantes, sem fatuidade.

Dos seres que fatalmente nós chamamos de imbecis porque nos orgulhamos da razão, da cultura, da fineza de sensibilidade. O homem tem a obrigação primeira de ser feliz e nada nos infelicitando tanto quanto aquillo de que nos vangloriamos.

A razão, eis a grande inimiga, eis a doce e perigosa inimiga! O mineral não sente, o animal não pensa e elles não soffrem. Pelo menos não têm a intelligencia da dor.

Eu planto couves e não tenho ciumes de mulher alguma: digo monstruosidades philosophicas á preta que cosinha meus alimentos e ella concorda desde que eu lhe pague os \$08 mensaes. Calchas um cão sem raça, feio e sujo, que tem a habilidade unica de adivinhar o que me

desagrada é anarchista e despreza a razão das cousas.

Elle é simples, faz o que os instinctos lhe pedem; não tem remorsos e pudores estúpidos. Elle dá displicentemente seu corpo ás pulgas, partilha meu leito, recebe murros sem ganidos hypocritas. Elle ama Brisa, não faz toilletes, nem declarações, nem confidencias...

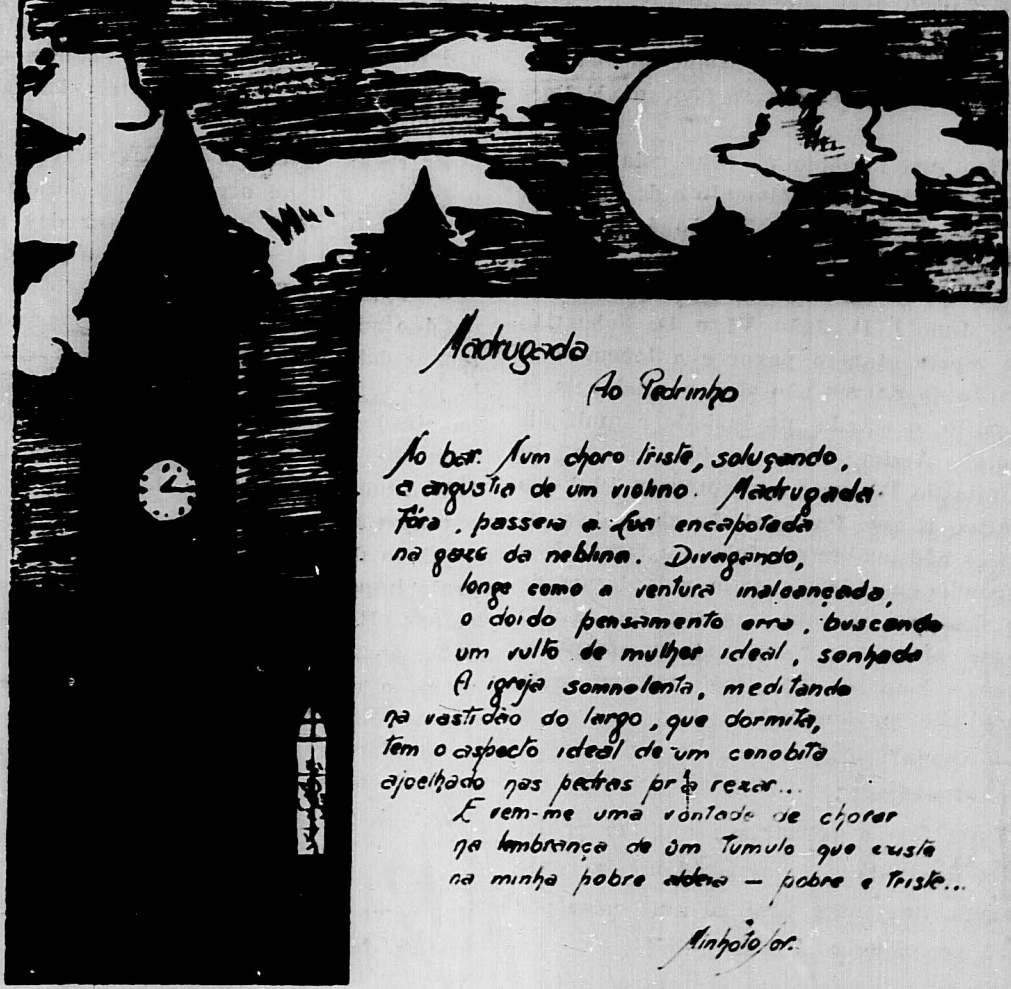
Ah, meu amigo, como é bom viver assim, no campo, sem preocupações, sentindo que o corpo gasto se refaz ao contacto da terra gorda, que o espirito irremediavelmente estragado por 50 annos de vida futil adquire a ultima felicidade que ainda lhe é possível: uma ironia piedosa para tudo, para todos, e principalmente, para si mesmo...

Oscar Pedrosa d'Horta.

"Os Estudantes".

Appareceu ha alguns dias a marcha "Os Estudantes", de um nosso illustre collega. Musica optima, letra originalissima do mesmo autor; essa marcha está destinada a franco successo. Pela diminuta quantia de 2\$000 os nossos rapazes de todas as Escolas terão uma bella musica, ajudando ainda a construção do monumento do Centenario da Faculdade para o qual o autor destina metade do rendimento.

Acha-se á venda com o Sr. Vicente Personal.



Madrugada
 Ao Pedrinho

No bar, um choro triste, soluçando,
a angustia de um violino. Madrugada
foi, passava a lua encapotada
na gaze da neblina. Divagando,
longe como a ventura maleancada,
o doido pensamento erro, buscando
um rulto de mulher ideal, sonhado
A igreja somnolenta, meditando
na vastidão do largo, que dormita,
tem o aspecto ideal de um conobito
ajelhado nas pedras pra' rezar...
E rem-me uma vontade de chorar
na lembrança de um Tumulo que cusia
na minha pobre ideia — pobre e triste...

Alphão Jr.